



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

TAUANA MANOELA DOS SANTOS

**LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS
CONTEMPORÂNEAS DE LUZ RIBEIRO**

JACOBINA-BA

2018

TAUANA MANOELA DOS SANTOS

**LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS
CONTEMPORÂNEAS DE LUZ RIBEIRO**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Bahia – Departamento de Ciências Humanas – CAMPUS IV – UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras Vernáculas, sob orientação da Profa. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima.

JACOBINA-BA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO
TAUANA MANOELA DOS SANTOS

LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS
CONTEMPORÂNEAS DE LUZ RIBEIRO

Monografia apresentada à banca examinadora designada pelo curso de graduação em Letras Vernáculas, Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – *Campus IV*.

Aprovado em ____ de _____ de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Gonzaga de Lima – UNEB/DCH – Campus IV (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Denise Dias de Carvalho Sousa– UNEB- DCH- Campus IV(Examinadora)

Prof. Ma. Fabiana da Silva Campos dos Santos – UNEB- DCH- Campus IV
(Examinadora)

JACOBINA-BA

2018

Dedico este trabalho a Deus, meu alicerce.

Ao meu pai, que precisou ser forte para me educar sozinho, quando a minha mãe já não pôde estar conosco.

Ao meu esposo, que segurou minha mão quando precisei.

A todas as mulheres negras, que enfrentam diariamente o machismo escancarado/velado existente na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças, para enfrentar todas as minhas dificuldades e por acalmar meu coração nas muitas vezes que me senti frágil.

À minha mãe (*in memoriam*), pois mesmo não estando mais presente fisicamente ao meu lado, nunca esteve ausente em minha mente e em meu coração. Além de ter sido um exemplo de amor, dedicação e força, e nesse exemplo eu me espelho para realizar toda e qualquer atividade em minha vida.

À toda minha família que sempre me apoiou, principalmente nos momentos em que precisei de um abraço e uma palavra de carinho. Em especial a minha avó Eurides, ao meu pai Manoel, a minha madrinha Maria e aos meus irmãos Silvestre e Tamires.

Agradeço ao meu esposo, Robson, pela compreensão. Pois tenho certeza que não foi fácil suportar o meu estresse, a minha ausência. Além de me apoiar e incentivar a todo momento.

A minha orientadora, prof.^a Dr.^a Elizabeth Gonzaga de Lima, que me aceitou como orientanda e me orientou na realização do presente trabalho.

As minhas colegas, que por tanto companheirismo ao longo do curso tornaram-se grandes amigas e foram fundamentais na minha vida acadêmica. Tenho certeza, que algumas pessoas aparecem em nossas vidas para somar forças e nos ajudar na caminhada. Um caminho difícil, cheio de obstáculos. Mas que ao final vale todo o esforço. Essas pessoas que são na verdade anjos de luzes e que sempre serão lembradas com muito carinho. Em especial Maynara Costa, Debora Fonseca e Ilma Silva.

A todos os professores que passaram pela minha vida, pois sem dúvidas cada um deles contribuíram mesmo que indiretamente para a realização desse trabalho, já que fizeram parte do meu processo formativo.

Enfim, encerra-se um ciclo, sem dúvidas, um dos mais importantes da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho analisa os meios alternativos de publicação em que a escritora Luz Ribeiro está inserida. Mostrando a importância dos meios alternativos para literatura negro-brasileira. Bem como as redes sociais, blogs e eventos literários como os *Slans*. A pesquisa analisa ainda uma das obras de Luz Ribeiro *Eterno Contínuo*, de modo a ressaltar as marcas identitárias presentes nos textos. Trazendo discussões relacionadas as temáticas abordadas por Ribeiro em sua obra. Procuramos apresentar as estratégias utilizadas por escritores (as) negros (as) para conseguir fazer seus escritos circularem e como ocorreu o processo de consolidação da literatura negro-brasileira longe da aprovação da literatura brasileira canônica. Além de mostrar que as mulheres negras, apesar de estar inseridas em um espaço em que os indivíduos sofreram a marginalização nos circuitos oficiais de publicação, precisam enfrentar o machismo exercido pelos escritores negros.

Palavras chave: Literatura negro- brasileira. Meios alternativos. Luz Ribeiro.

ABSTRACT

The present work analyzes the alternative means of publication in which the writer Luz Ribeiro is inserted, showing the importance of alternative media for black-Brazilian literature, as well as social networks, blogs and literary events like the Slans. The research also analyzes one of the works of Luz Ribeiro *Eterno Continuo*, in order to highlight the identity marks present in the texts, bringing discussions related to the themes addressed by Ribeiro in his work. We attempted to present the strategies used by black writers to get their writings to circulating and how the process of consolidating black-Brazilian literature took place away from the approval of Brazilian canonical literature. Furthermore, to show that black women, despite being included in a space where individuals have suffered marginalization in official publishing circuits, must face misogyny exercised by black male writers.

Keywords: Black-Brazilian literature. Alternative means. Luz Ribeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Blog do coletivo Poetas Ambulantes	38
Figura 2: Divulgação do livro Uma Vez poetas Ambulantes no blog do coletivo....	38
Figura 3: Página no Facebook da escritora Luz Ribeiro	41
Figura 4: Página no facebook do Slam das Minas.	41
Figura 5: Página no facebook do Slam do 13	42

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Literatura negro-brasileira: à margem da cena literária no Brasil.....	15
1.1 A emergência da literatura negro-brasileira.....	14
1.2 Produção e circulação das obras de escritores negros.....	24
2.0 Luz Ribeiro : experiências estéticas contemporâneas.....	32
2.1 Meios alternativos de publicação e recepção de escritoras negras.....	32
2.2Luz Ribeiro: a escrita como arma de revide	42
Considerações finais	52
Referências	55

INTRODUÇÃO

As experiências históricas de escritores negros e escritoras negras, a partir de ativa militância reverberaram na formação da literatura desse grupo, que tem lutado contra o silenciamento a que têm sido relegados durante anos, por um cenário literário brasileiro excludente. Dessa maneira, apropriando-se de algumas estratégias, a literatura negro-brasileira conseguiu um espaço que é apenas seu, à margem da autossuficiência de uma literatura brasileira que a considera menor, inferior, e que não permite a inserção de sua escrita, como aponta Octavio Ianni:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, 1988, p.91)

A crítica literária discorda quanto à designação mais adequada para denominar a literatura escrita por negros no Brasil. Alguns críticos literários defendem o uso da expressão “literatura afro-brasileira” como a pesquisadora Zilá Bernd. Mesmo considerando as expressões “afro-brasileira” e “negra”, como sinônimos, eles acreditam que a denominação “literatura afro-brasileira” seria a mais adequada, pois está relacionada à origem étnica e cultural dos escritores. Outros críticos defendem a expressão “literatura negra”. Entre estes está a escritora Miriam Alves, ela esclarece que o termo “literatura negra” surgiu em um momento sociopolítico de posicionamento e autoafirmação dos valores do povo negro em âmbito nacional e mundial. A denominação “literatura negro-brasileira” foi criada pelo poeta Cuti e é defendida por grande parte de escritores negros. Um dos argumentos utilizados por Cuti para não assumir a expressão “afro-brasileira”, é que o termo não representa o escritor(a) negro(a) brasileiro(a), pois está relacionado ao continente africano, e neste não há apenas escritores negros. Para o presente trabalho adotaremos a expressão “literatura negro-brasileira”, já que esta é a que mais representa a literatura escrita por negros no Brasil.

A literatura negro-brasileira, por não dispor de espaço suficiente no mercado editorial brasileiro devido seu elitismo e, conseqüente lógica de exclusão, precisou recorrer a meios alternativos de publicação para fazer circular o seu trabalho. A princípio, a literatura negro-brasileira era escrita e publicada de maneira independente, uma vez que, para os escritores dessa literatura, não havia auxílio de grupos ou editoras na produção de suas obras. Posteriormente, alguns escritores, como Cuti e Hugo Ferreira, reuniram-se e fundaram os *Cadernos Negros*, em 1978, que visibilizou inúmeras atitudes literárias no universo da escrita poética negro-brasileira. Alguns anos depois, em 1980, surge o *Quilombhoje Literatura*, com o objetivo de fortalecer as experiências estéticas dos escritores e escritoras negros. Atualmente, o *Quilombhoje*, e os *Cadernos Negros*, estão em blogs e nas redes sociais, divulgando escritores e escritoras negros, além de eventos literários, como o *Slam Brasil* (competição nacional de poesia falada que reúne todo ano os melhores poetas de rua do país).

Os escritores e escritoras negros no contexto histórico literário brasileiro foram e têm sido marginalizados. No caso das escritoras negras, estas ainda precisam enfrentar a marginalização até em movimentos literários negros. Em virtude disso, a literatura feita pela mulher negra busca também visibilidade no âmbito literatura negro-brasileira. Assim, mediante uma trajetória de persistência e conquistas, a escritora negra assume o papel de enunciadora:

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado. (EVARISTO, 2010).

À mulher negra foram atribuídos estereótipos negativos e racistas na maioria das obras literárias do cânone brasileiro, tendo sua figura relegada a objeto de cunho sexual. Mas, a partir do momento em que ela assumiu o lugar de enunciadora de sua própria história, a mulher buscou afirmar que seu papel vai muito além do que lhe foi inculcido durante muito tempo, escancarando assim que seu lugar é onde ela quiser, não onde lhe foi imposto.

As experiências estéticas vivenciadas pelas escritoras negras propõem desmistificar o imaginário nacional canônico, através da autorrepresentação presente em suas obras. Contudo, apenas escrever obras literárias não é suficiente, é necessário divulgá-las, a fim de alcançar um número maior de leitores. A escritora Conceição Evaristo (2010) e a pesquisadora Ana Rita Santiago (2010), abordam temáticas que envolvem gênero e raça, bastante importantes para a realização do trabalho, dessa maneira, trouxemos seus posicionamentos para fomentar discussões sobre a escrita da mulher negra, que fala de seu próprio corpo, de sua visão, enquanto mulher negra e periférica.

As autoras negras recorreram aos meios de publicação alternativos, os quais têm permitido a divulgação da escrita negro brasileira, propiciando a sua interação com o público leitor, de modo a fortalecer a literatura negro-brasileira feminina, que se mostra bastante relevante e consistente, o que evidencia um espaço conquistado. Para embasar as discussões acerca da publicação e circulação de textos literários, usamos como referência Ítalo Moriconi (2006) e Cristian Sales (2010).

A poetisa paulistana Luz Ribeiro, de 28 anos, é uma das escritoras negras que conseguiu se destacar em movimentos literários negros. A autora utiliza-se das redes sociais e do blog para divulgar o seu trabalho, conseguindo assim uma maior interação com seu público leitor, além de ter dois livros publicados pela Editora Quinteto, *Eterno Contínuo* e *Estanca e Espanca*. Ribeiro também participa de eventos literários como o *Slam Brasil*. Desta maneira, após apresentar rimas potentes relacionadas ao feminismo e à desigualdade racial, tornou-se a primeira mulher a ganhar um título no campeonato em questão. Ribeiro classificou-se para a Copa do Mundo de *Slam de Poesias*, na França, no ano de 2016. Sendo assim, Luz Ribeiro marca a história não só das feministas negras, mas de toda comunidade negra.

A obra de Luz Ribeiro é carregada de questões identitárias, pois expressa as adversidades vivenciadas por negros e negras no Brasil. A escritora anuncia a sua indignação acerca do que observa em seu cotidiano na periferia onde vive. As poesias dela servem como denúncia à problemática que envolve os negros, que ainda são marginalizados no Brasil. Em relação à identidade utilizamos os estudiosos Stuart Hall (2010) e Ricardo Franklin Ferreira (2000), a fim de discutir acerca de questões identitárias presentes nos textos de escritoras e escritores negros- brasileiros.

Ao analisar esses fatores, surgiu a inquietação de investigar como as mulheres negras têm conseguido enfrentar um cenário literário brasileiro em que o privilégio tem cor, gênero e classe social e como elas têm usado os meios comunicacionais disponíveis para divulgar seu trabalho. Em virtude desse panorama, a pesquisa tem como objetivo analisar como ocorrem as experiências estéticas das escritoras negras contemporâneas e de como elas se apropriam das redes sociais, especificamente dos blogs, para difundir seus escritos, bem como examinar os novos eventos literários, como o *Slam Brasil*, e a importância desses experimentalismos estéticos para jovens escritoras negras, a partir da produção da poetisa Luz Ribeiro.

A literatura negro-brasileira tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, entretanto, ainda há poucos trabalhos que analisam os obstáculos enfrentados por escritoras negras contemporâneas, em virtude disso, a pesquisa em curso mostra-se relevante e pertinente por discutir um tema ainda pouco explorado.

Quanto aos procedimentos técnicos metodológicos trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de consulta a livros e artigos científicos, mas também, de coleta de dados na internet. Os blogs, como o *Quilombhoje*, e as redes sociais de alguns escritores e escritoras negros, foram utilizados como meios para conseguir a matéria-prima necessária para a realização deste trabalho. A internet dispõe de um vasto acervo de trabalhos acadêmicos que podem servir de suporte para as pesquisas subsequentes, sendo assim, encontramos em alguns artigos, resenhas, monografias e entrevistas, subsídios que contribuíram para o desenvolvimento do presente trabalho.

No primeiro capítulo abordamos a marginalização sofrida por escritores e escritoras negras no Brasil no curso da história e como transcorria o processo de produção e de publicação dessa escrita. Além de ter problematizado a utilização de expressões como: “literatura afro-brasileira”, “literatura negra” e “literatura negro-brasileira”, de modo a apontar que mesmo estando à margem dos circuitos oficiais de publicação, esta literatura conseguiu conquistar o seu espaço, através da militância, produzindo obras independentes, posteriormente recorrendo a publicações coletivas como os *Cadernos Negros* e o *Quilombhoje*. Dessa maneira, no primeiro capítulo examinamos a origem das produções e publicações da escrita negra, mostrando o processo de invisibilização que esses escritores enfrentaram a fim de consolidar a sua escrita.

No segundo capítulo, apresentamos a poeta Luz Ribeiro objeto da pesquisa, mostrando um breve panorama de suas experiências estéticas, a partir dos meios alternativos de publicação de escritoras negras, como os blogs, as redes sociais e alguns eventos literários como o *Slam Brasil*. Apontamos ainda a marginalização sofrida por escritoras negras dentro de movimentos literários negros, além de ter ressaltado, que a poeta Luz Ribeiro vem se destacando nesse cenário em que a mulher negra por muito tempo foi relegada ao silenciamento. Posteriormente, trouxemos a obra de Luz Ribeiro como recorte, mostrando sua escrita, já que Ribeiro tem dois livros publicados pela Editora Quinteto, *Estanca e Espanca* e *Eterno contínuo*, mas sendo que o segundo foi escolhido como recorte para a realização do presente trabalho. Neste capítulo ressaltamos também, como ocorre a relação de Luz Ribeiro com seus leitores e quais as ferramentas ela utiliza para interagir com o público.

1 LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: À MARGEM DO CENÁRIO LITERÁRIO BRASILEIRO

Ser negro no Brasil é sentir na pele as marcas de um racismo velado e exercido por uma sociedade hegemonicamente branca. Esse problema histórico, social e político, resultante do escravismo e de um modelo racial europeu, perpassa por todas as áreas que envolvem o ser humano, principalmente a literatura. A figura do negro na literatura brasileira canônica¹ é inexpressiva, além de ser posto como inferior, menor. Essa inferiorização ocorre devido à ausência da voz negra no cenário literário brasileiro institucionalizado, ou seja, o negro é sempre o objeto da escrita e não sujeito dela.

A literatura negro-brasileira começa a despontar com a publicação de *Viola de Lereno*, de Domingos Caldas Barbosa. Depois, surgem Luiz Gama, com *Trovas Burlescas de Getulino* (1859), e Maria Firmina dos Reis, com o romance *Úrsula*, também de 1859, considerado de teor abolicionista e um dos primeiros escritos produzidos por uma mulher brasileira e negra. A escrita de autoria negra é construída a partir de um ponto de vista negro, livre dos estereótipos que lhes foram atribuídos ao longo da historiografia brasileira. Na visão de Conceição Evaristo (2010), a produção negro-brasileira significa “escrevivência”, pois considera as vivências negras no Brasil.

O devir da literatura negro-brasileira foi de extrema importância, pois, configurou-se como um espaço de autorrepresentação e militância contra a discriminação racial e social, além de formar e conscientizar leitores negros. Apesar de viver à margem do cenário literário brasileiro, essa escrita consolidou-se e mostra-se autossuficiente. Sendo assim, o negro, apesar de marginalizado, detém a liberdade para expressar a sua arte, livre das correntes e chibatadas que o feriu por muito tempo, em todos os âmbitos da sociedade, inclusive na literatura brasileira.

1.1 A EMERGÊNCIA DA LITERATURA NEGRO BRASILEIRA

A crítica literária diverge quanto à expressão utilizada para denominar a escrita negro-brasileira. Uma parcela de pesquisadores defende a expressão *literatura negra* como Miriam Alves (2001), outros estudiosos e intelectuais defendem a expressão *literatura afro-brasileira* como Zilá Bernd (2011), além de haver o uso da expressão *literatura*

¹ Na literatura, cânone literário representa um conjunto de obras valorizadas por sua superioridade estética. Por conta disso, estas permanecem com o tempo como sendo “as melhores obras literárias”.

negro-brasileira, que foi criada por Cuti, e adotada por outros escritores e escritoras negros. Entretanto, qual a relevância dessas discussões em torno da designação da produção negra no Brasil?

No meio literário brasileiro é perceptível um número considerável de produções negras, mas essa escrita não obteve ainda reconhecimento da crítica literária institucional por não estar no cânone:

Cânone é um sistema fechado, ainda que parece aberto a cada novo afloramento histórico esteticamente qualificado [e por] mais estranho que pareça até a ele mesmo, nele só entra o que estiver de acordo com as suas diretrizes. (KOTHE, 2002, p. 126)

A marginalização exercida pelo sistema canônico brasileiro atingiu diretamente escritores (as) negros (as), entre eles destacamos o poeta pernambucano Solano Trindade (1908- 1974), que apresenta combativa militância em sua escrita acerca das causas negras. Além de enaltecer a negritude, Solano deu voz ao quilombola e o colocou como herói. Para Bernd (2011, p. 60), a obra do autor classifica-se como “Literatura de resistência”. Trindade possui poesias de reconhecida qualidade, mas que nunca foram aceitas ou valorizadas pelo cânone. A obra do poeta teve espaço especificamente em *Canto dos Palmares* (1961):

Sou Negro

Meus avós foram queimados
pelo sol da
África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs
Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.
Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso
Mesmo vovó não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou
Na minh'alma ficou

o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

(TRINDADE, 2008, p.42).

Nesse poema, o sujeito poético descreve a figura do negro como resistente à situação precária a que foi submetido. O negro não era omissos aos problemas, mas os enfrentava com a garra de herói. Além de evidenciar a alegria com que o negro “sobrevivia”, vale salientar a autoafirmação presente no poema desde o título.

A produção negra no Brasil tem enfrentado uma polêmica no que diz respeito a sua designação. Mas é imprescindível que para além da expressão utilizada na denominação desta escrita, seja *afro-brasileira* (*afrodescendente*), *negra-brasileira* ou *negro-brasileira*, é necessário observar o sentido e a intencionalidade que foram atribuídos a esta literatura.

Inicialmente, traremos o conceito de literatura negra, apoiando-nos em Miriam Alves. Segundo a autora, a expressão *literatura negra* surgiu ao final dos anos 70 como protesto à discriminação racial, no momento que surgia o *Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial*. Esse termo foi utilizado na primeira edição dos *Cadernos Negros* e serviu como reivindicação de militantes negros:

[...] Cadernos Negros marca passos decisivos para a nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. As diferenças de estilo, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser muito erguido entre aqueles que encontram na poesia um meio de expressão negra, aqui se trata de legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do nosso tempo. (ALVES, 2001, p. 222)

Como assinala Alves (2001), os *Cadernos Negros* consolidaram a expressão *literatura negra*, além de marcar o momento em questão como uma efervescência de publicação da escrita negra no Brasil.

A estudiosa Zilá Bernd (2011) adota a expressão *literatura afro-brasileira*. Essa pesquisadora acredita que o termo “negra” ou “negro” poderia marcar a literatura apenas pela cor da pele do escritor. O termo *afro-brasileiro* é apontado por Bernd como o mais consistente, pois evidencia a etnicidade do (a) escritor (a) negro(a), de

modo a relacionar essa escrita com a cultura africana “deixando de significar/remeter à existência de uma essência negra” (BERND, 2011, p. 20).

Alguns escritores e escritoras de literatura negro-brasileira, como Cuti, para Zilá Bernd (2011), produzem poesias que ela classifica como “a consciência trágica” (BERND, 2011). Segundo a autora, autores desse seguimento procuram atrair a piedade ou a simpatia dos leitores. Mas o sentimento despertado por essas obras podem provocar angústia e terror. De acordo com esse ponto de vista, essa escrita pode ocasionar o efeito oposto do buscado por grande parte da militância negra, que é o de mostrar o negro como um indivíduo de atitudes épicas. Bernd (2011) destaca uma das poesias de Cuti, como exemplo de poemas desse seguimento:

Sou negro
 Sou negro Negro
 sou sem mas ou reticências
 Negro e pronto!
 Negro pronto contra o preconceito branco
 O relacionamento manco
 Negro no ódio com que retransco
 Negro no meu riso branco
 Negro no meu pranto
 Negro e pronto!
 Beijo
 Pixaim
 Abas largas meu nariz
 Tudo isso sim
 - Negro e pronto!
 - Bataca em mim
 Meu rosto
 Belo novo contra o velho belo imposto
 E não me prego em ser preto
 Negro pronto
 Contra tudo o que costuma me pintar de sujo
 Ou que tenta me pintar de branco
 Sim

Negro dentro e fora
 Ritmo – sangue sem regra feita
 Grito – negro – força
 Contra grades contra forcas
 Negro pronto
 Negro e pronto.

(BERND, 2011, p. 145)

O poema *Sou negro*, de Cuti, evidencia desde o título o orgulho do sujeito poético em ser negro. As palavras apontam com muita clareza a intencionalidade do autor em

escancarar sua insatisfação relacionada ao preconceito velado e estrutural existente na sociedade brasileira. Além de haver uma exaltação dessa raça que foi e ainda é alvo de preconceito na sociedade brasileira.

Apesar de não concordar com uma vertente da produção negra no Brasil, a pesquisadora Zilá Bernd (2011) descreve a literatura que chama de *afro-brasileira* como uma escrita diferenciada, pois visibiliza a cultura negra, suas vivências e a maneira como os escritores enxergam o mundo.

A expressão *literatura negro-brasileira* foi criada por Cuti. O autor, além de salientar razões para não adotar a expressão *afro-brasileira*, defende o uso do termo *negro-brasileira*. Cuti (2010) ressalta que a expressão *literatura afro-brasileira* não representa a escrita negra no Brasil, já que estabelece relação com a literatura escrita na África, de modo a marginalizar a escrita negra, como não pertencente ao Brasil e marcando a literatura brasileira como destinada apenas aos brancos.

As expressões *afro-brasileira* ou *afrodescendentes* quando associadas à literatura feita por negros no Brasil está indo de encontro a uma realidade brasileira, como aponta Cuti:

Atrelar a literatura negro- brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda, a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. (CUTI, 2010, p.36)

As literaturas africanas serem apontadas como similares à literatura escrita por negros no Brasil é inconsistente, pois são realidades distintas. Além da diferença no espaço geográfico, a África, assim como o Brasil, possui pluralidade étnica e racial. Ou seja, *afro* não significa negro.

A nosso ver, a expressão *literatura negro-brasileira* é a mais completa, pois engloba o que realmente implica essa literatura feita por negros no Brasil, com peculiaridades que a difere da literatura africana, já que é marcada por vivências de negros fora do território africano. Ou seja, a literatura feita a partir do olhar de um escritor negro-brasileiro.

A polêmica existente entre estudiosos e intelectuais acerca das expressões *literatura afro-brasileira*, *literatura negra-brasileira* e *literatura negro-brasileira* são bastante relevantes e necessárias, já que nomear uma literatura é imprescindível para que esta não caia na invisibilidade. Mas, sobretudo, é preciso cautela no momento de escolha do termo utilizado nessa nomeação. As denominações têm uma responsabilidade ideológica e estética. Desse modo, apoiando-nos em Cuti, adotaremos a expressão *literatura negro-brasileira*, acreditando ser essa a que mais contempla a literatura nascida no Brasil.

A exclusão literária conduziu a literatura feita por descendentes de africanos no Brasil a construir um espaço de circulação mesmo estando fora dos circuitos oficiais de publicação, de modo a surgir grupos, a fim de mostrar a literatura negro-brasileira, como evidencia Cuti:

Foi no contraditório e efervescente ano de 1978, em que o governo militar, ao mesmo tempo que reprimia as greves do ABC, baseando-se em decretos-leis, revogava atos de banimentos de dezenas de pessoas; em que houve eleições diretas para deputados e senadores, porém sob uma nova lei de segurança nacional então imposta- foi nesse mesmo ano que surgiu, no bojo do movimento negro, a série *Cadernos Negros* [...] (CUTI, 2010, p. 126)

Os *Cadernos Negros* foram idealizados pelos escritores Cuti e Hugo Ferreira, em 1978, em formato de bolso com 52 páginas. Esse movimento abarcou outros autores e autoras, sendo que as publicações eram realizadas com a participação financeira de cada integrante do grupo em questão. Inicialmente, o livro era vendido em grandes lançamentos e distribuído para poucas livrarias, conseguindo a aprovação de muitos leitores da época de seu lançamento.

De acordo com a escritora Miriam Alves (2001), os oito escritores que se reuniram para publicar a primeira edição da coleção *Cadernos Negros* assumiram o compromisso de editar e fazer circular os seus trabalhos de forma coletiva. “Converter-se literalmente em sujeito da sua própria fala” (ALVES, 2001, p. 228).

A coletânea *Cadernos Negros* tradicionalmente faz a alternância entre textos em prosa e em versos, além de abrir espaços para escritores novos conseguirem fazer sua escrita circular.

Os *Cadernos Negros* lutam veementemente contra o racismo estrutural presente no Brasil. Nesse cenário, os escritores usam a escrita para denunciar os problemas enfrentados pelos negros em uma sociedade que o inferioriza em detrimento ao branco. A indignação dos autores é notória no prefácio da primeira edição dos *Cadernos Negros*:

Neste 1978, 90 anos pós-abolição- esse conto do vigário que nos pregaram- brotaram em nossa comunidade novas iniciativas de conscientização, e **Cadernos negros** surge como mais um sinal desse tempo de África- consciente e ação para uma vida melhor, e nesse sentido, fazemos da negritude, aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos atingidos. (ALVES, 2001, p. 222, grifo da autora)

Outras produções presentes na coletânea *Cadernos Negros* dão ênfase à insatisfação dos escritores negros contra o racismo. Sendo assim, também destacamos o poema *Jurema preta* (1986):

Jurema Preta

Ri, Jurema, Ri
 Das leis que regem
 A discriminação racial.
 Ri e muito Ri
 gargalha
 Daqueles que dizem que (De maneira
 alguma!) ela é Natural
 Pois para eles, Só naturalmente
 O Branco é o Natural.
 [...]
 Se teus braços abraçam
 Se tuas pernas te conduzem
 É natural que somente natural
 É o que pode ser.
 Então Ri, Jurema, e muito Ri
 Gargalha
 Da falta de originalidade
 -naturalidade-
 Do Branco O Natural.

(CONCEIÇÃO, 1986, p. 19)

O título do poema dá enfoque à identidade racial de sua interlocutora, a Jurema é preta. O sujeito poético critica a discriminação racial, evidenciando que essa prática não faz sentido, já que para o racista, o negro não é natural, apenas o branco. Sendo assim, o racismo está pautado em argumentos inconsistentes; não pode ser relevante.

Deste modo, a voz enunciativa convida Jurema a rir dessa situação que não tem originalidade nem naturalidade alguma.

Alguns estudiosos também trouxeram discussões ao longo dos anos acerca do preconceito racial, já que ele é muito presente no cenário literário brasileiro. É inegável o peso que a “cor da pele” tem e sempre teve sobre a literatura brasileira canônica. Sendo assim, Stuart Hall aborda a temática étnica no texto *A questão multicultural* da seguinte forma:

Conceitualmente, a categoria ‘raça’ não é científica. ‘Raça’ é uma construção política e social. É a categoria social em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão - ou seja, o racismo. [...] Daí que nesse tipo de discurso, as diferenças genéticas (supostamente escondidas na estrutura dos genes) são “materializadas” e podem ser “lidas” nos significantes corporais visíveis e facilmente reconhecíveis, tais como a cor da pele, as feições do rosto[...] (HALL, 2006, p.66-67)

Ao trazer em seu texto o conceito de raça, Hall esclarece a origem do racismo, pois evidencia que essa problemática acontece de forma estrutural da sociedade brasileira, na qual o branco possui desde o início o poder econômico, dessa maneira, restou para a raça negra ocupar o espaço da classe social inferior.

Paralelo aos *Cadernos Negros* surgiu outro movimento que reunia alguns poetas negros em um bar, como Cuti, Oswaldo de Camargo, Abelardo Rodrigues, Paulo Colina e um escritor argentino chamado Mario Jorge Lescano, para discutir literatura. Em 1980, esse grupo recebeu o nome de *Quilombhoje*:

Uma das coisas que achei curiosas nesse nome, que as pessoas aceitaram, é que a palavra Quilombhoje, tem ‘bojo’ embutida. Ela é um neologismo que inclui a atualidade do Quilombo, a noção da nossa retomada histórica e também ela inclui a palavra bojo, ou seja, a nossa literatura está no bojo de um movimento maior, que é o Movimento Negro Nacional. (CUTI, 1994)

No início, o grupo *Quilombhoje* fazia rodas de poemas, mostrando uma maneira diferenciada de declamar poesia, apropriando-se de instrumentos como atabaques e chocalhos, semelhante a uma roda de samba, ou seja, um jeito negro de dizer poesia. Essas apresentações também eram avaliadas e recebiam pontuação. As rodas de poemas eram nomeadas e seus títulos recebiam nomes de personalidades importantes para a literatura negro-brasileira ou estrangeira: Luiz Gama, Pixinguinha, Agostinho Neto e outros. Posteriormente, o grupo foi perdendo seus colaboradores

iniciais e recebendo outros. Entretanto, manteve seu principal objetivo: divulgar a produção negro-brasileira.

Atualmente, além de um coletivo de grande importância para a literatura negro-brasileira, o *Quilombhoje* também é a editora responsável por publicar a série *Cadernos Negros*. A ligação entre os *Cadernos* com o *Quilombhoje* existe desde 1983, como aponta Cuti:

A relação *Quilombhoje/Cadernos Negros* só se tornou efetiva em 1983, quando já com novos atuantes (apenas um remanescente fundador) – o grupo decide assumir coletivamente a feitura anual do livro, em todos os níveis do processo. (CUTI, 2010, p. 129)

Um dos precursores da antologia *Cadernos Negros*, Cuti, não é mais integrante do grupo *Quilombhoje*, além de não publicar mais seus escritos nos *Cadernos Negros*. O autor recolhia os textos, editava e organizava as publicações, porém, algum tempo depois, resolveu passar essas atribuições para os novos escritores, pois já não comungava mais das opiniões do grupo:

O meu afastamento se deu por várias razões, por questões até mesmo da própria organização. Eu era a favor de uma empresa, de uma microempresa e a maioria das pessoas passou a ser a favor de uma instituição. E as minhas razões são óbvias. Temos muitas instituições, e as instituições vivem sempre de dinheiro de fundações e outras entidades, e são sempre verbas incertas. Num momento elas existem, noutro momento não existem mais. Minha preocupação era de que o Quilomboje se tornasse realmente uma empresa, que entrasse no mercado e pudesse caminhar com suas próprias pernas, que não dependesse de dinheiro de instituições. No momento em que temos verbas, realizamos eventos, mas não temos condições de enraizar um trabalho, de fazer com que o trabalho se torne auto-suficiente. (CUTI, 1994)

O *Quilombhoje* ao longo de sua história tem exercido uma função de grande importância na sociedade brasileira, em virtude de fomentar discussões pertinentes acerca das vivências do escritor (a) negro (a) na literatura. Essas discussões ganharam força e ultrapassaram o limiar das universidades, das escolas de educação básica e dos veículos de comunicação. Muitos avanços ainda precisam acontecer, mas esse movimento que começou em um bar ganhou uma imensa proporção, talvez inimaginável para seus idealizadores.

Os escritores e escritoras negros ao longo da historiografia da Literatura negro-brasileira apropriaram-se de algumas estratégias para tornar a sua escrita

autossuficiente, a fim de que ela pudesse circular, mesmo fora dos circuitos oficiais de publicação. As publicações por meio de coletivos foram de fundamental importância para a escrita negro-brasileira consolidar-se, já que os circuitos oficiais de publicação não permitiam a inserção de escritores e escritoras negros, por considerar essa escrita inferior. Assim, os *Cadernos Negros* e o *Quilombhoje* fizeram parte do início da emergência da literatura negro-brasileira, firmando-se e servindo como exemplo para outros movimentos que posteriormente surgiram.

A literatura negro-brasileira conquistou o seu espaço, mesmo não obtendo a aprovação canônica brasileira. Após séculos de invisibilidade, a escrita negro-brasileira conseguiu alcançar milhares de leitores, de modo a formar um público leitor negro, abrangendo discussões que precisam acontecer a fim de combater a discriminação racial que ainda tem muita força no Brasil. Sem dúvida, a literatura é uma forte arma para reivindicar o lugar do negro em uma sociedade.

1.2. PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DAS OBRAS DE ESCRITORES NEGROS

A literatura negro-brasileira enfrentou e enfrenta a exclusão nos meios oficiais de publicação. Essa condição a impulsionou a construir seus próprios meios, os meios alternativos. A produção negro-brasileira, assim como qualquer outra escrita, precisa ser apresentada a um público leitor. Entretanto, essa escrita, por não estar dentro dos padrões exigidos pela crítica literária brasileira, precisou e precisa mostrar o seu trabalho, através de circuitos livres de exigências institucionalizadas ou que ao menos não apresentassem padrões elitistas e racistas. Para Cristian Sales:

[...] para que uma obra seja considerada —Grande Literaturl ela precisa ser declarada literária, pois as estas Instituições [instâncias de legitimação] estabelecem condições de pertencimento e privilégios, imprimindo recalques no —interior da sociedadell na tentativa de impedir a presença de manifestações literárias, por exemplo, de autoria afrodescendente. [...] Abreu lembra que elas são responsáveis pela interpretação de determinadas obras literárias ou bens culturais, instituindo preferências e gostos, definindo o que é —literatura da não-literatura. (SALES, 2010, p.2)

Alguns meios de publicações alternativas foram surgindo ao longo da história da literatura negro-brasileira, especificamente para atender a uma grande necessidade que os escritores e escritoras negros tinham de atingir um número maior de leitores. E nada mais estratégico do que a união daqueles que sempre viveram/vivem marginalizados. Dessa maneira, surgiram vários coletivos, blogs, encontros literários.

Além de recorrerem às redes sociais, consideradas hoje, como um dos meios mais eficientes de divulgação literária.

Inicialmente, destacaremos a relevância da coletânea *Cadernos Negros* para a literatura negro-brasileira. Sendo este, o primeiro coletivo constituído no Brasil, em 1978, e considerado o principal veículo da literatura negro-brasileira.

A primeira edição da série *Cadernos Negros* reuniu oito poetas. Foi vendida de maneira informal, passando de mão em mão, e tendo um retorno positivo daqueles que tiveram acesso à obra. Os *Cadernos Negros* foram ganhando autores interessados no movimento e a partir de então, outras edições foram lançadas, alternando-se entre poemas e contos, com a exigência de que as obras fossem de autores autodeclarados negros. Além disso, era necessário passar por uma rigorosa banca de avaliação da obra, a fim de manter a qualidade da coletânea. Os autores selecionados têm a responsabilidade de arcar com os custos da publicação. Como aponta Cuti:

Cadernos negros é fundamentalmente um esforço coletivo de todos que participaram e participam com seus textos, dinheiro e confiança naqueles que, dentre eles, empenharam-se na organização e realização prática do trabalho.[...]

A vida literária, dinamiza a partir dos *cadernos*, é um outro capítulo desta pequena parcela da grande história do negro interagindo e, no dizer de Jamu Minka, literaturagindo no mundo inteiro. (CUTI, 2010, p. 129).

A série *Cadernos Negros* já conta com quarenta edições. A quadragésima edição tem obras de quarenta e dois autores e autoras negros, de diferentes lugares do Brasil e de idades variadas. Ao longo de suas quatro décadas de existência, os *Cadernos Negros* configuraram-se como um importante espaço de resistência negro-brasileira, sendo que apresenta para um grande número de leitores a escrita de um povo negro, que teve e tem a sua escrita inviabilizada por uma crítica literária racista. A literatura é sem dúvida, a maior arma que o negro tem de luta contra o racismo enfrentado desde a colonização brasileira e, aos poucos, vem consolidando um espaço só seu, que não depende em nada do branco colonizador.

O poema *Teimosa presença*, de Lepê Correia, publicado em *Cadernos Negros*, traz um pouco da luta de escritores e escritoras negros para sair do silenciamento a que lhe foi relegado por muito tempo:

Teimosa presença

Eu continuo acreditando na luta
 Não abro mão do meu falar onde quero
 Não me calo ao insulto de ninguém
 eu sou um ser, uma pessoa como todos
 Não sou um bicho, um caso raro
 ou coisa estranha
 Sou a resposta, a controvérsia, a dedução
 A porta aberta onde entram discussões
 Sou a serpente venenosa: bote pronto
 eu sou a luta, sou a fala, o bate-pronto
 Eu sou o chute na canela do safado
 Eu sou um negro pelas ruas do país.

(CORREIA, 1993, p. 92)

O poema *Linhagem*, de Carlos Assumpção, traz a luta do povo negro e a afirmação identitária de um sujeito poético que exalta a sua ascendência:

Linhagem

Eu sou descendente de Zumbi
 Zumbi é meu pai e meu guia
 Me envia mensagens do orum
 Meus dentes brilham na noite escura
 Afiados como o agadá de Ogum
 Eu sou descendente de Zumbi
 Sou bravo valente sou nobre
 Os gritos aflitos do negro
 Os gritos aflitos do pobre
 Os gritos aflitos de todos
 Os povos sofridos do mundo
 No meu peito desabrocham
 Em força em revolta
 Me empurram pra luta me comovem
 Eu sou descendente de Zumbi
 Zumbi é meu pai e meu guia
 Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim
 Eu trago os duros punhos cerrados
 Cerrados como rochas
 Floridos como jardins.

(ASSUMPÇÃO, 2008, p. 31)

Outro poema que apresenta a luta dos negros no Brasil é *MNU*, de Miriam Alves:

MNU

Eu sei:
 " - havia uma faca
 atravessando os olhos gordos em esperanças havia um ferro em
 brasa tostando as costas retendo as lutas
 havia mordanças pesadas
 esparadrapando as ordens das palavras"
 Eu sei: Surgiu um grito na multidão
 um estalo seco de revolta
 Surgiu outro outro e
 outros
 aos poucos, amotinamos exigências querendo o resgate sobre nossa
 forçada miséria secular.

(ALVES, 2002).

O site oficial dos *Cadernos Negros* mostra a heterogeneidade do público leitor dos *Cadernos*. Grande parte deles são afro-brasileiros, especificamente universitários, professores e profissionais liberais. Entretanto, há leitores comuns e intelectuais de outras etnias.

O grupo *Quilombhoje* está diretamente relacionado aos *Cadernos Negros* e tem fundamental relevância na luta negro-brasileira, pois dá visibilidade a textos e a autores e autoras negros. O grupo é responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*, além de fazer circular outras obras negro-brasileiras, bem como um livro de ensaios denominado *Reflexões sobre a Literatura afro-brasileira*, que teve a sua primeira edição lançada no III Congresso de Cultura Negra das Américas, relançado posteriormente. Os ensaios, como o próprio título sugere, traz um pouco da história dos descendentes de africanos no Brasil, a fim de apresentar aos leitores as lutas que os negros-brasileiros precisaram e precisam enfrentar em um país racista.

O *Quilombhoje* configurou-se como um espaço de enfrentamento, ameaçando o racismo que reverbera a sociedade brasileira, pois dá voz aqueles que sempre estiveram marginalizados, mas que foi em busca de ascensão e de um espaço que é apenas seu, livre para propagar sua escrita, conseqüentemente sua cultura e vivências. Além de mostrar os entraves que os negros/negras precisaram e precisam enfrentar em um país que o inferioriza.

Ao longo da história da literatura negro-brasileira, inúmeros veículos de circulação dessa escrita surgiram. Vale destacar o *Slam Brasil* de poesias, evento de poesia falada, que oferece espaço para a divulgação da escrita de escritores e escritoras marginalizados. Ou seja, aqueles que não se encaixam nos padrões exigidos pelos

meios oficiais de publicação, bem como mulheres, homossexuais, empobrecidos e negros. Sendo assim, o *Slam* tornou-se mais um meio para enfrentar e rasurar a literatura brasileira elitizada.

O *Slam Brasil* conta com poesias que escancaram as mazelas que a parte empobrecida da sociedade precisa enfrentar diariamente. Em uma de suas poesias, uma das mais conhecidas de sua obra, *À massa*, o poeta negro Emerson Acalde traz uma forte crítica acerca da manipulação exercida pela sociedade, especificamente através dos meios de comunicação, sobre aqueles que seguem um padrão social. Ou seja, tornam-se “massa de manobra”:

À massa

M-A-S-S-A. Massa. Amassa. A massa. À massa!
 Eu sou a massa. Volumosa. Pastosa. Máxima!
 Pega, joga, passa o rolo ôôô
 Aperta eu cresço apareço pronta pro bolo
 Quanto maior melhor. Com a farinha e o pó. Espalhada mais fraca e mais fina
 Fácil pra ser cortada, moldada e dividida. Consumida. Massifica.
 Amorfa sem cristalina.

Sou grande, mas não importante.
 Sou igual ao barbante
 Que serve pra amarrar e não é valorizado o bastante
 Eu protejo o recheio que vai no meio
 Fico na borda. Sou jogada pra escanteio
 Pegam a uva passa o argamassa na taça, ai que graça! [...]
 (ACALDE, 2009)

Os padrões sociais são francamente racistas e elitistas, sendo assim, segui-los pode causar uma imensa ânsia em se tornar algo que jamais poderá ser, pois quem fará parte da pequena fatia privilegiada da sociedade já nasce pronto para ela. Buscar um espaço dentre esses poucos escolhidos é uma luta perdida. E todos os âmbitos sociais permeiam por esse viés preconceituoso, inclusive a literatura brasileira.

A literatura negro-brasileira ao longo da história vem conquistando o seu espaço através de meios alternativos, apropriando-se de todos os espaços que lhe são ofertados. Os blogs e as redes sociais são exemplos de ferramentas utilizadas na propagação da escrita negro-brasileira. Estes representam um espaço em que o

escritor/escritora, além de mostrar os seus trabalhos, conseguem interagir com os leitores, obtendo um retorno imediato daqueles que tiveram acesso ao texto:

A publicação no ciberespaço possibilita uma interação com os leitores através do espaço de comentários, fóruns ou chats, o que não acontece quando o escritor publica apenas pelo meio impresso. No caso da publicação de um romance em blogs ou sites, assim como se fazia nos folhetins dos jornais nos séculos XVIII e XIX, o autor tem a vantagem de acompanhar diretamente os comentários dos leitores e de interagir/dialogar com eles durante o processo de escritura. (SILVA, 2010, p. 72)

Por meio das redes sociais, os leitores conseguem acompanhar de perto a vida profissional e pessoal do escritor, o livro que foi publicado e o evento literário que irá participar. Além de ler textos que fazem parte de sua obra. As redes sociais, devido ao seu fácil acesso, tornaram-se um dos meios mais eficientes para divulgação da escrita negro-brasileira.

A internet é um fenômeno que dominou a sociedade e tem sido utilizada de diversas formas e para fins diversos. Além das redes sociais citadas anteriormente, o *blog* também é um exemplo de ferramenta usada na propagação de obras literárias, da vida pessoal e profissional de blogueiros. Mas o que exatamente significa *blog*? O termo *weblog* é a contração da nomenclatura de língua inglesa *web log*, que significa diário da web. Foi criado por Jorn Barger, em 17 de dezembro de 1997. Entretanto, a abreviatura *blog*, que é a mais conhecida pela maioria das pessoas, foi inventada por Peter Merholz. O mesmo separou a palavra *weblog* e formou *We blog*, nós blogamos. Como comenta Terra (2010):

O termo blog vem de uma palavra de origem inglesa composta pelas palavras Web que é uma página de Internet e log que é diário de bordo, com o tempo a palavra foi abreviada para Blog e a grande diferença de um Blog para um site institucional, além dos conteúdos atuais ficando sempre acima dos conteúdos menos recentes é a interatividade, é o espaço para o comentário, então um blog necessariamente tem que abrir espaço para comentários. (TERRA, 2008, p.71).

Os escritores que se apropriam dos blogs são denominados de blogueiros, blóguer e blogger. O grupo de blogueiros e tudo que está ligado a esse universo é designado de blogosfera.

Apesar de ser necessário conceituar o que é blog, o presente trabalho tem o maior interesse em destacar a relevância desse suporte para a literatura negro-brasileira,

bem como mostrar de que maneira ocorre a interação entre leitores e escritores neste cenário.

Alguns blogs contêm postagens de textos literários, como o blog do autor Ferréz, nos quais seus autores recebem o retorno dos leitores de maneira instantânea. Ferréz faz postagens de suas poesias em um blog pessoal. Afim de divulgar o seu trabalho. A publicação de textos *on-line* é um meio muito comum atualmente, pois não gera altos custos, já que independe de editoras, por não utilizar suporte impresso. Além de ser um texto acessível a qualquer indivíduo, em qualquer lugar, necessitando apenas de um computador, ou qualquer outro suporte que possibilite uso da *web*.

Os blogueiros visam publicar conteúdos que sejam atrativos para o seu público, estando sempre antenados aos pedidos feitos nos comentários das postagens, para assim fidelizar e aumentar o número de leitores de seu blog. Sendo assim, com o grande alcance dos blogs, os escritos que antes ficavam restritos a um pequeno número de pessoas, por não dispor de espaço nos circuitos oficiais de publicação ou por seu autor/autora não ter subsídios financeiros suficientes para fazer circular suas obras de maneira impressa, conseguem agora atingir um número inimaginável de pessoas:

Formado pelo movimento da escrita e da publicação extra-mercado, ligado a ONGs e a iniciativas culturais e políticas na sociedade, como o campo dos relatos prisionais, dos relatos brutos da periferia urbana brasileira (o novo sertão) e demais escritas e assinaturas de não profissionais. A produção dessas oficinas coletivas marca presença na universidade, como objeto preferencial de abordagem pelos estudos culturais. Nesse circuito, já não lidamos com literatura, se consideramos que o conceito de literatura implica a circulação num mercado de livro e a condição profissional de produção deste livro, do lado do autor ou autora, atores principais do sistema. Os estudos culturais dissolvem o objeto literatura em função de outro objeto que tem a ver com o exercício social da escrita. Literatura e circuitos alternativos unem-se na medida em que ambas são práticas de escrita ligadas a processos complexos de subjetivação pessoal e coletiva. (MORICONI, 2006, p.11)

Os blogs provocaram uma enorme transformação no cenário literário brasileiro, já que além de proporcionarem uma nova maneira de publicação, também mudou o comportamento de alguns leitores, pois estes buscam também nos blogs um espaço em que possa conseguir sugestões de leituras e um meio para organizar a sua agenda leitora.

Portanto, os meios de publicações alternativos, sejam os eventos literários como o *Slam Brasil*, a coletânea *Cadernos Negros*, o grupo *Quilombhoje*, as redes sociais ou blogs não podem apenas ser considerados um meio para divulgar a escrita de escritores periféricos, mas também um local de afirmação identitária, que já não dependem mais da aprovação da crítica literária para consolidar a sua escrita, pois construíram um espaço independente, livre dos padrões excludentes que marcam a literatura brasileira.

2 LUZ RIBEIRO: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

A escrita da mulher negra traz à tona questões, sentimentos, angústias, que apenas ela pode descrever. A mulher negra ao conseguir visibilizar sua escrita configura-se como resistência e enfrentamento, em virtude de sofrer preconceito, mesmo dentro de circuitos alternativos os quais, supostamente, não caberiam atitudes preconceituosas, por ser um espaço em que os indivíduos também são vítimas de marginalização.

Luz Ribeiro é um exemplo de mulher negra, periférica, que conseguiu desabrochar sua escrita, mesmo dentro de movimentos negros nos quais a mulher ainda tinha a voz silenciada. Essa poetisa nasceu e cresceu na periferia de São Paulo, mais precisamente no Jardim Souza e enfrentou desde muito cedo os olhares e vozes preconceituosos por ser negra, pobre e ter o cabelo crespo. Filha de uma empregada doméstica, que não escrevia, nem lia bem, mas sempre compôs músicas e textos que, muitas vezes, nem chegavam a ir para o papel, sendo estas apenas arquivadas na memória. Tal experiência, fez com que Ribeiro soubesse desde cedo o valor da palavra.

A escrita para Luz Ribeiro sempre foi um refúgio, uma maneira de descarregar toda a negatividade que recebia diariamente. Algo que só as negras são capazes de entender, pois sentem na “pele” a dor de viver em uma sociedade que as inferioriza. Além disso, para essa poetisa, a escrita sempre foi um meio de denunciar as precariedades enfrentadas por aqueles que vivem na periferia e não têm suporte social algum.

Luz Ribeiro é formada em Pedagogia e Educação Física, porém decidiu viver daquilo que sempre fez parte da sua vida, mesmo que, de forma involuntária: a escrita. Através da palavra escancara suas dores e a de outros (as) que, por muito tempo, se viram obrigados (as) a prender o choro, o grito; enfim, tudo aquilo que lhe inquieta.

2.1 MEIOS ALTERNATIVOS DE PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO DE ESCRITORAS NEGRAS

As escritoras negras enfrentaram e ainda enfrentam a marginalização dentro e fora dos movimentos negro-brasileiros. É de fundamental relevância salientar que, apesar

do homem negro ser subjugado diariamente por uma sociedade elitista e preconceituosa, este também marginaliza as mulheres, devido ao machismo estrutural da sociedade. Ser mulher e negra é uma vivência desafiadora, mas é possível ir de encontro ao preconceito, apropriando-se de uma arma bastante eficaz: a escrita. Ana Rita Santiago na sua pesquisa de doutorado, em 2010, abordou a exclusão das mulheres negras no cenário literário brasileiro enfatizando as questões de gêneros e de raça.

[...] a invisibilização, a que são submetidas escritoras negras, não é um evento sem razões. Ao contrário, entendem-se as relações étnico-raciais e de gênero presentes em segmentos acadêmicos e literários. Mesmo ausentes da literatura instituída e de agenciamentos literários, elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando discursos cerceadores sobre si e suas africanidades. (SANTIAGO, 2010, p. 26)

As mulheres negras não escrevem porque lhe é cedido cordialmente a palavra, é necessário mostrar a sua força e tomar posse da escrita, de modo a enfrentar os machistas e elitistas, que nunca permitiram o uso da caneta, àquelas que já tinham um lugar predeterminado na sociedade. Ou seja, o poder está justamente naquilo que foi e ainda lhe é negado.

Os circuitos alternativos são meios utilizados na divulgação da escrita negro-brasileira e as mulheres conseguiram inserir-se nesses espaços e vem conquistando notoriedade. Primeiramente, abordaremos um movimento literário que tem servido de base para muitos escritores e escritoras negras (os): a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), movimento organizado pelo escritor Sérgio Vaz, em 2000. A intenção era suprir a falta de oportunidade que os poetas têm em compartilhar seus escritos. “Movimento dos sem palco, um local onde pessoas de vários lugares com objetivos comuns pudessem partilhar do milagre da poesia” (VAZ, 2008, p.117). Esse movimento é um sarau que reúne semanalmente 400 pessoas no Jardim Guarujá para ler e criar poesias. O Cooperifa tem por objetivo principal fazer arte, mas a denúncia social se faz presente na escrita dos participantes, já que nela é retratada as vivências desses escritores. Como aponta Sérgio Vaz:

O que a gente faz é para que o pobre não seja cordial. A gente quer que a pessoa saia fora da caixa, que seja mais combativa. Tem gente que me pergunta: mas vocês tiram as pessoas das ruas e das drogas? Esse não é o propósito, eu não sou assistente social. A gente faz

cultura e arte é rebeldia. Se não é rebelde não é arte, se não transgride não é arte. Por isso que as pessoas gostam, porque eu gostaria de estar falando o que aquele artista está. Esse é o poder do artista. Ele é o cara que está com uma lanterna na mão. Por isso, eu acho que a arte não pode vir da mão de quem escraviza. A nossa arte vem da rua, das ruas que os anjos não frequentam. É lá que se escreve. Nossa arte vem da dor. Ela não fala dos negros, ela fala pelos negros, com os negros. Não fala dos pobres, fala com eles e por eles, junto. (VAZ, 2016)

A Cooperifa impulsionou a carreira literária da poetisa Luz Ribeiro, assim como de tantas(os) outras (os) escritoras (os). Nesse espaço, a poetisa teve a oportunidade de mostrar a sua escrita, a qual ficava apenas no papel ou era descartada, já que engavetada não teria outra serventia. Além de ser uma maneira para libertar-se das angústias cotidianas. No entanto, Ribeiro compreendeu que sua escrita poderia ser muito mais, podendo ser capaz de ultrapassar “os becos e vielas” (RIBEIRO, 2017) da periferia e ser uma arma de muita força contra o racismo, o machismo e a violência, enfrentada pelo seu corpo negro:

[...] que esses versos poucos
que esses versos soltos
que esses versos tolos
sejam minha sincera oferta

que brota do meu peito encruzilhada
da minha mão cadência errada
da minha mente muito cansada
e vire fruto pela língua
navalha afiada [...] (RIBEIRO, P.70)

A mulher negra escreve com o corpo, pois ela retrata em seus textos tudo aquilo que é vivenciado por ela ou por outras mulheres negras. Sendo assim, tem propriedade para abordar temáticas de lutas negro-brasileiras. É o que Conceição Evaristo chama de “escrevivência”:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e social pelo sistema escravocrata do passado e, hoje ainda por políticas segregacionistas existentes em todos, se não em quase todos, os países em que a diáspora africana se acha presente, coube aos descendentes de africanos, espalhados pelo mundo, inventar formas de resistência. Vemos, pois, a literatura buscar modos de enunciação positivos na descrição desse corpo. A identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a

estereotípias lançados ao mundo e às coisas negras. (EVARISTO *apud* PEREIRA, 2010, p. 134)

O corpo negro precisa conviver diariamente com as marcas da escravização sofrida desde o início da sociedade brasileira. Entretanto, é de fundamental importância salientar que ao longo da história, esse corpo precisou ser forte, de modo a não permitir que os preconceitos e agressões acontecessem de maneira livre, a partir desse enfrentamento, foi possível a conquista de seu próprio espaço, ganhando visibilidade. Sendo assim, a literatura negro-brasileira é um exemplo de potência de enfrentamento, ao manifestar por meio da escrita, toda a insatisfação negro-brasileira com as precariedades cotidianas, além de exaltar a cultura daqueles que tiveram sua voz silenciada.

O *Slam* Brasil de poesia falada é outro movimento que contribuiu muito e ainda contribui para a divulgação da escrita de mulheres negras, um espaço em que são abordadas temáticas como, racismo, drogas, violência e sexismo, criticando e denunciando todas essas questões que permeiam a sociedade brasileira:

A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso ‘pá’ em língua portuguesa. A onomatopeia foi emprestada por Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, para nomear o Uptown Poetry Slam, evento poético que surgiu em Chicago, em 1984. O termo slam é utilizado para se referir às finais de torneios de baseball, tênis, bridge, basquete, por exemplo. Smith nomeou também de slam os campeonatos de performances poéticas que organizava e no qual os slammers (poetas) eram avaliados com notas pelo público presente, inicialmente, em um bar de jazz em Chicago, depois nas periferias da cidade. A iniciativa ‘viralizou’, como se diz hoje, contagiando outras cidades dos Estados Unidos e, mais tarde, ganhou o mundo. (AGRA DE BRITO NEVES, Cynthia. 2017, p. 92)

O Slam é um campeonato de origem americana, nasceu na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 1984. Tendo chegado ao Brasil apenas nos anos 2000. O campeonato ZAP (Zona Autônoma da Palavra) foi o primeiro Slam que ocorreu no Brasil, trazido pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, um coletivo paulistano de teatro Hip-hop. Posteriormente outros Slams foram surgindo e atualmente existem vários grupos adeptos do evento. O Slam BR convoca poetas dos diversos Slams espalhados pelo país, sendo assim, esta é mais uma maneira funcional, que possibilita

um alcance maior de escritores periféricos, que precisam de oportunidade para mostrar a sua escrita.

Luz Ribeiro é a primeira mulher a vencer o *Slam* Brasil. A partir dessa conquista, foi classificada para participar da competição na França, porém não ganhou o título internacional. Ribeiro representou o Brasil, principalmente, todas as escritoras negras que batalharam e batalham para visibilizar sua escrita. Após vencer o *Slam Brasil*, conquistou diversos espaços, conseguindo alcançar mais pessoas com a sua escrita. Atraiu, dessa forma, os leitores por meio de suas performances, motivando-os a comprar seus livros, como o *Eterno Contínuo* e *Estanca e Espanca*.

A poetisa Luz Ribeiro fundou junto com amigos outro movimento, o *Slam do 13*, que fica localizado no Largo 13, da zona sul de São Paulo. Esse movimento surgiu do desejo que a autora e de seus amigos de criar um sarau, em virtude do momento de efervescência dos *Slams* na cidade de São Paulo.

O *Slam das Minas* também é um evento literário em que Luz Ribeiro está engajada. Esse movimento foi fundado em 08 de março de 2016, no dia internacional da mulher, tendo sua origem no *Slam das Minas* do Distrito Federal. Existem *Slams das Minas* distribuídos por alguns estados brasileiros, como: Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul. As batalhas ocorridas no *Slam das Minas* garantem uma vaga no *Slam BR*. As regras dessa competição são as mesmas do *Slam BR*. Ou seja, as poetisas recitam poesias autorais durante três minutos e estas são avaliadas por um júri popular com notas de 0 a 10. O projeto tem revelado uma gama de poetisas, dando oportunidade para inúmeras mulheres expressarem sua criatividade. Essa união feminina é muito importante na busca do propósito de reforçar a militância por espaço e reconhecimento.

As escritoras negras estão em constante movimento para propagar a sua escrita, circulam por vários ambientes, tais como, eventos literários, blogs e redes sociais. Conquistando com essa visibilidade diversos leitores, de modo a militar contra a opressão sofrida em diversos âmbitos sociais, inclusive no âmbito das literaturas brasileira e negro -brasileira.

Luz Ribeiro participa de um movimento bastante criativo, denominado *Poetas Ambulantes*. Esse coletivo surgiu em setembro de 2012 e foi idealizado por Luz Ribeiro, Carolina Peixoto, Thiago Peixoto, Mari Staphanato, Jefferson Santana e Mel

Duarte. A proposta consiste em recitar e distribuir poesias dentro de transportes públicos e as apresentações sempre iniciam com a frase, “Eu poderia estar matando, eu poderia estar roubando, mas estou aqui humildemente distribuindo poesias. O microfone está aberto, pode começar o sarau”. As poesias são apresentadas aos passageiros, de maneira bem intimista, havendo uma aproximação entre poeta e público. O repertório traz textos autorais, clássicos e contemporâneos, incluindo letras de músicas. As apresentações acontecem também em ONGS, em praças, ruas com megafones e centros culturais. As poesias desses escritores (as) são escutadas por muitas pessoas, inclusive algumas que não têm o hábito da leitura, mas que têm a oportunidade de receber a literatura em uma situação informal, podendo torná-la presente em suas vidas. Além de declamar as poesias, o grupo também incentiva a prática de declamações de poesias e qualquer outra manifestação artística. Quem participa é presenteado com um livro.

O acesso à internet possibilitou um alcance maior de leitores e leitoras para a escrita de mulheres negras. Assim, a poetisa Luz Ribeiro apropria-se também desse meio para difundir os seus escritos, através do seu blog e das redes sociais. Dessa forma, atinge espaços geográficos impensados, de maneira mais rápida, ganhando maior visibilidade. O blog é um espaço democrático e independente, que possibilita maior facilidade de publicação e interação, como salienta os autores Ferreira; Santos e Rodrigues:

Considerados como espaços de criação e publicação de textos independentes, além de ser uma ferramenta útil na divulgação editorial, os blogs literários são mantidos por autores desconhecidos que buscam interação social e reconhecimento dentro do universo cibernético (SANTOS; RODRIGUES; FERREIRA, 2014, p. 101).

O número de escritoras negras com blogs tem crescido consideravelmente, já que esta ferramenta não passa pela aprovação de editoras e de seus padrões excludentes. Os blogs também permitem a divulgação e venda de obras que foram impressas, mas que não são comercializadas por grandes livrarias e por isso necessitam de outras formas de divulgação.

O blog é uma ferramenta muito importante na divulgação da escrita de Luz Ribeiro, já que a poeta não dispõe de recurso suficiente para fazer as impressões de seus livros. Para publicar seu último livro, intitulado *Estanca e Espanca*, enfrentou um momento

de espera para conseguir subsídios necessários para sua publicação. Todavia, esse momento apenas a impulsionou na divulgação de suas poesias, nos blogs, redes sociais e demais circuitos alternativos. Ou seja, Luz Ribeiro lançou mão de meios alternativos para fazer circular seus escritos, independente do suporte impresso.

Os poetas ambulantes possuem um blog no qual seus idealizadores postam a programação dos eventos relacionados ao movimento. Fazem publicações de alguns escritos, publicam vídeos das apresentações e vendem também suas obras. Esse coletivo publicou o livro *Uma vez poetas ambulantes*, que reúne poesias de 20 poetas, são textos que retratam seus sentimentos, sejam de dores ou de amores.



Figura 1 - Blog do coletivo Poetas Ambulantes

Fonte: www.facebook.com/PoetasAmbulantes, 2018



Figura 2 – Divulgação do livro Uma Vez poetas Ambulantes no blog do coletivo.

Fonte: www.facebook.com/PoetasAmbulantes, 2018.

O blog do coletivo “Poetas Ambulantes” traz a descrição da obra impressa, de modo a instigar o desejo do leitor em comprar o livro.

Em relação ao coletivo “*Poetas Ambulantes*” podemos classificá-lo como uma herança da coletânea *Cadernos Negros* e do grupo *Quilombhoje*, já que tem como principal objetivo a união de autores periféricos para publicação e divulgação da palavra escrita por aqueles que estão à margem do cenário literário brasileiro oficial, como na década passada já havia destacado Proença Filho:

[...] dificuldades mercadológicas que enfrentaram e enfrentam, levaram-nos a integrar grupos e movimentos, entre eles o grupo Quilombhoje, de São Paulo, criado em 1980, responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*, [...] o grupo Negrícia, Poesia e Arte do Crioulo, lançado no Rio de Janeiro, em 1982, e o grupo Gens [...] que data de 1985). Como outros veículos de circulação [...] cabe citar ainda três coletâneas: Axé – *Antologia da poesia negra contemporânea* (Global, 1982), organizada por Paulo Colina, *A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros* (GRD, 1986), com coordenação e seleção de Oswaldo de Camargo, e a globalizante *Poesia negra brasileira* (1992), organizada por Zilá Bernd. (PROENÇA, 2004. p.178)

As publicações coletivas buscam facilitar a circulação de textos de escritores que, individualmente, não teriam subsídios financeiros para fazer a impressão e publicação. Mas, para além dos custos, esses grupos buscam unir-se para soltar a voz e reafirmar sua identidade. Mesmo que ela esteja saltando pelo seu corpo negro, precisa ser escancarada a cada dia, esta atitude faz parte da militância negro-brasileira contra os opressores da palavra.

As redes sociais também são suportes indispensáveis para a divulgação do trabalho de escritoras negras, pois neste espaço virtual é possível ampliar as maneiras de comunicação, havendo uma interação imediata. Nas mídias sociais as escritoras podem divulgar textos e receber rapidamente a resposta do público, sendo possível interagir com o internauta/leitor. Há, assim, um movimento de interação entre autora e leitores. Sônia Aguiar define as redes sociais da seguinte maneira:

São métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas e/ou organizações envolvidas, seja na busca de soluções para problemas comuns, na atuação em defesa de outros em situações desfavoráveis, ou na colaboração em algum propósito coletivo. As interações de indivíduos em suas relações

cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc. – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das intensidades. (AGUIAR, 2008, p. 15)

Dessa maneira, podemos entender que as redes sociais têm um papel transformador para aqueles indivíduos ou grupos que estão inseridos nesse cenário. Logo, para as escritoras negras, esse pode ser um meio indispensável para promover a sua escrita, influenciando de maneira positiva aqueles que as seguem para comprar suas obras e ler o trabalho.

A partir da interação nas redes sociais, como Instagram e Facebook, as escritoras podem divulgar eventos, articular encontros presenciais, os quais tornam os movimentos mais fortes. O *instagram* é uma rede social *on-line* em que os internautas podem compartilhar fotos e vídeos, permitindo ainda que esses compartilhamentos ocorram em outras plataformas como no *facebook*.

O facebook é uma ferramenta indispensável para o escritor divulgar e comercializar as suas obras. Esta rede social ganhou um caráter comercial que também é uma característica do *instagram*, porém, apesar de terem funções parecidas, é importante o uso paralelo das duas redes sociais, pois permite um alcance maior de pessoas. O *facebook* e o *instagram* são redes sociais utilizadas pela poetisa Luz Ribeiro na divulgação do seu trabalho. Nesses espaços virtuais, ela faz postagens que informam aos seguidores sobre os eventos os quais participará de forma rápida, econômica e eficaz. Além de compartilhar um pouco de suas leituras, fazendo indicações de obras e autores que costuma ler e acompanhar, de modo a fortalecer ainda mais o movimento que permeia a literatura negro-brasileira.

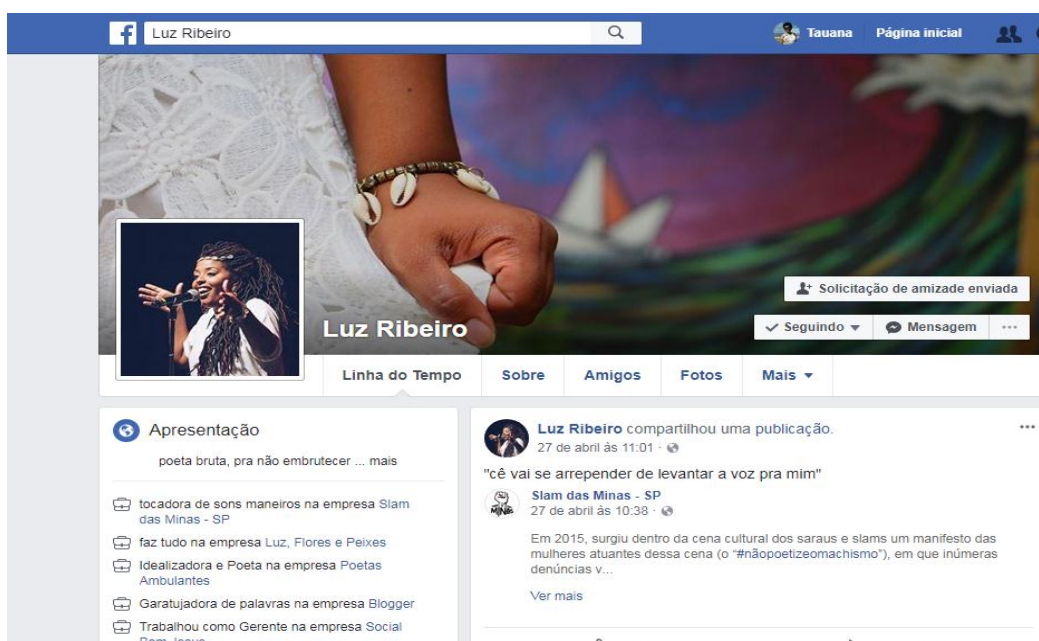


Figura 3 Página no Facebook da escritora Luz Ribeiro

Fonte: www.facebook.com/luciana.ribeiro.3114, 2018.

Na página pessoal de Luz Ribeiro é possível conhecer um pouco mais sobre a artista. Além de encontrar links que conduzem o usuário para outras páginas que ela administra, como é possível observar na figura 3.

Luz Ribeiro além de possuir suas páginas individuais nas redes sociais, também administra junto com parceiros (as), redes sociais relacionadas aos diversos movimentos literários dos quais participa, bem como *Poetas Ambulantes*, *Slam das Minas SP* e *Slam do 13*.

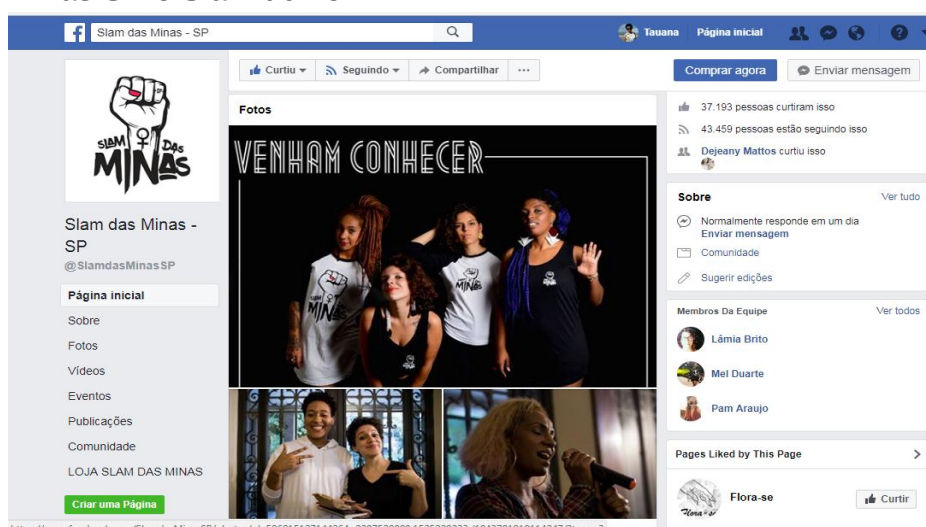


Figura 4 – Página no facebook do Slam das Minas

Fonte: www.facebook.com/SlamdassMinasSP, 2018.

A página no facebook do Slam das Minas traz fotos relacionadas a eventos literários em que as escritoras participam, divulgando ainda para os seguidores a agenda do coletivo.

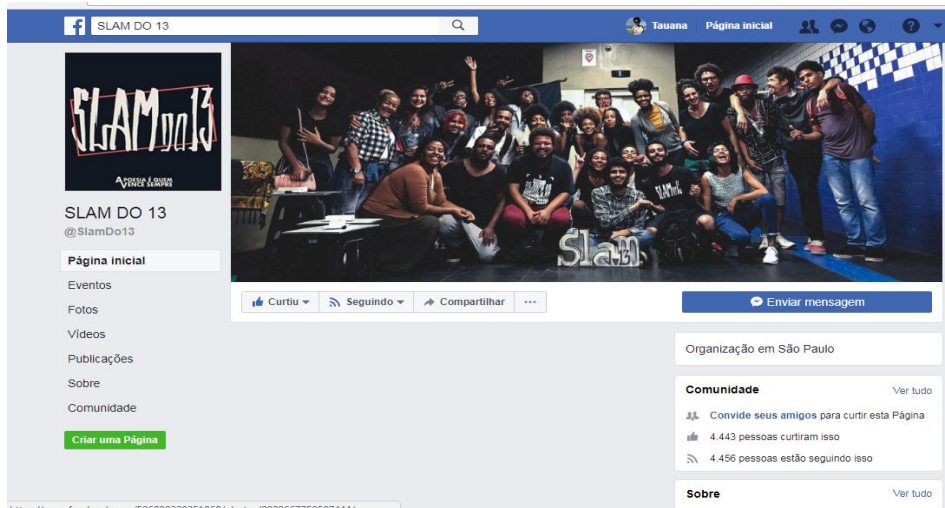


Figura 5 Página no facebook do Slam do 13

Fonte: www.facebook.com/SlamDo13, 2018.

A página no facebook do Slam do 13, assim como todas as outras em que Luz Ribeiro está associada, tem como principal objetivo, divulgar o trabalho do coletivo.

Sendo assim, as redes sociais servem como plataformas capazes de mudar efetivamente a vida dos indivíduos que nelas estão inseridos, pois, de maneira instantânea alcança números inimagináveis de seguidores, nelas um texto ou vídeo pode mudar uma situação ou ideologias. Possivelmente, essa seja a chave para transformar uma sociedade marcadamente racista, machista e elitista.

2.2 LUZ RIBEIRO: A ESCRITA COMO ARMA DE REVIDE

A poetisa Luz Ribeiro, durante muito tempo, utilizou-se da escrita apenas para desabafar as suas angústias diárias e colocar no papel o que a sua timidez não permitia externar de outra maneira. Por algum tempo, essa escrita esteve guardada, oculta, entretanto, através dos saraus da Cooperifa, Luz Ribeiro descobriu-se poetisa

e, em 2013, publicou seu primeiro livro, intitulado *Eterno Contínuo*, como aponta Thiago Peixoto, no posfácio do livro *Eterno Contínuo*:

Nesse livro é possível conhecer
Um pouco mais da autora, perceber
A sutileza e intensidade que fez
Nascer essa petulante poeta,
Que conheci no sarau da Cooperifa,
Quando ainda declamava atrás
Do microfone e da timidez, com voz
Embargadas e bochechas coradas,
Protegida por seu estilo imponente.
**Na época ainda estava no processo
De se enxergar e se aceitar como
Poeta, coisa que ela jurava de pé junto
Ainda não ser**, equívoco comprovado
Pelos passageiros dos ônibus que ela
Invade como Poeta Ambulante, e que
O leitor pôde evidenciar ao saborear
cada uma de suas garatujadas
despretensiosas com as palavras, nas
páginas que ficaram para trás. [...]
(PEIXOTO, 2013. p. 71, grifo nosso)

O livro *Eterno Contínuo* mostra que uma obra pode contemplar poesias de várias vertentes. Algumas são de cunho amoroso, outras fazem denúncias sociais. Além de textos que externam sonhos do eu lírico. Faremos uma análise de *Eterno Contínuo*, a fim de mostrar um pouco da escrita de Luz Ribeiro e comprovar que, apesar de cada escritora negra ter suas particularidades, há sempre um ponto em comum, a escrita com o corpo, textos que evidenciam o corpo negro. É o que aponta o autor Castelo Branco:

Esse percurso pela materialidade da palavra, que procura fazer do signo a própria coisa e não uma representação da coisa, é típico da escrita feminina. Porque, ao procurar trazer a coisa representada para a cena textual, ao procurar fazer sua apresentação em lugar de sua re-presentation, o que a escrita feminina busca é, em última instância, a inserção do corpo no discurso. (BRANCO, 1991, p. 21-22).

O poema *Gravetos na mochila* traz para o leitor questões importantes, como a busca incessante por identidade em uma sociedade na qual a única preocupação é seguir um padrão que, na verdade acaba tornando os indivíduos apenas cópias. Ou seja, as pessoas buscam descobrir sua essência, quando, na verdade, acabam caindo na armadilha de seguir os mesmos sonhos, lutando por objetivos idênticos, desejando sempre chegar ao mesmo destino:

Que língua você fala?
 Não entendo você nem todos os outros
 Essa é a minha afronta às palavras já ditas um dia.
 Exacerbadamente já me expliquei sendo desenho, sabor e cor,
 Ainda não chegou ao seu entendimento.
 Multifacetado, sempre sem saber o que quer
 Isso não sou só eu
 Somos todos nós!
 Na busca infindável de personalidade
 Nos tornamos de modo discrepante, iguais.
 As mesmas lutas, alegrias, sonhos e solidão.
 (RIBEIRO, 2013. p. 55)

A identidade da mulher negra é construída no cenário literário por meio de seus poemas. As questões levantadas nos textos, bem como racismo, machismo e outras questões sociais constroem a identidade individual de cada escritora, porém, pontos em comum, marcam a literatura negro- brasileira feita por mulheres negras. É o que aponta Ricardo Franklin Ferreira (2000) :

Ser a identidade uma categoria efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, determinando sua auto-estima e sua maneira de existir. Nesse sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática do afrodescendente, o conhecimento da maneira como ele desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos, em que é discriminado negativamente. (FERREIRA, 2000, P. 48).

A voz enunciativa apresenta ainda sua indignação ao falar de problemas sociais pertencentes ao seu cotidiano suburbano e que precisam ser escritos, mesmo que depois não passe de um papel engavetado. Mas a verdadeira intenção é a de exteriorizar aquilo que já não pode mais ficar preso. Uma maneira de desabafar sentimentos que não podem ou não lhe convém ser externados de outra forma. A autora descreve, com muita firmeza, a desigualdade social que a cerca como algo enraizado na sociedade. Talvez, o problema maior esteja nessa luta incessante para alcançar um destino indefinido e mutável, que apenas distancia os indivíduos de uma mesma sociedade, que falam a mesma língua. Porém, estes são incapazes de se compreenderem ou de se olharem como semelhantes.

E a nossa língua qual é?
 Fazemos uso do mesmo idioma,
 Mas não nos fazemos compreender.
 Enquanto desigualdade for vocábulo
 E a indiferença existir

Me colocarei a escrever
 Se faltar caneta ou papel,
 Recolherei gravetos do chão
 E escreverei minhas sensações no ar, mar ou areia [...]
 (RIBEIRO, 2013. p. 55)

A escrita como veículo de denúncia social não é uma característica apenas da poetisa Luz Ribeiro, as demais escritoras negras contemporâneas, também conduzem a escrita para essa perspectiva, como afirma Salgueiro:

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, as escritoras de origem africana, muitas delas oriundas dos movimentos organizados, examinam os indivíduos e suas relações pessoais, como meio de abordagem de questões complexas na sociedade. Através de questões de raça e gênero, presentes no cotidiano de todos nós, atingem a universalidade. Valorizam, acima de tudo, a diferença. Em certos momentos, esta desponta poeticamente através de um otimismo construtivo, que leva ao positivo, ao crescimento, à possibilidade de estruturação de uma sociedade nova e mais justa (SALGUEIRO, 2004, p. 65).

Ainda, no poema *Gravetos na mochila*, Luz Ribeiro deixa bem claro que se preocupa com a possibilidade de seus escritos ficarem apenas na gaveta e que eles não sejam divulgados, pois sua verdadeira intenção é manifestar, de alguma maneira, a sua indignação diante de problemáticas pertencentes ao seu cotidiano periférico, bem como a violência, o racismo e o machismo. O ato da escrita pode sim ser uma forma de enfrentamento para mudar o mundo que a cerca:

Estes escritos serão guardados na mochila,
 Como se fossem arquivos
 Contendo partículas do céu, gotas do oceano e imensidão de
 imaginação.
 Mesmo que nunca possam ser lidos,
 Terei alívio, pois o escrever foi praticado
 Que me chamem de louco ou alienado.
 Dei início a uma revolução,
 Na minha casa, de modo simplista,
 Comecei com as canetas!
 (RIBEIRO, 2013. p. 55)

O poema *Alteridade*, um texto curto, apenas duas estrofes, mostra a força paralela ao espírito solidário de um indivíduo, que consegue enxergar para além de seus próprios problemas ou desejos. Além de salientar a importância da união, já que, em algum

momento, é necessário apoiar-se no outro para enfrentar as diversas situações que, porventura, surjam. Sendo assim, traz em forma de poema, o verdadeiro conceito da palavra que dá título ao poema *Alteridade*:

Alteridade

Que eu tenha força para lutar pelos meus ideais
Sensibilidade para auxiliar o próximo
Necessidade de conhecimento para crescer, sempre.

Há muito para desbravar, ver, ouvir, sentir e viver.
Que a ignorância não me alcance, isso é uma ordem.
Eu que viver o nós, pois ninguém vai longe sozinho
Ninguém vai a lugar nenhum só.
(RIBEIRO, 2013. p. 62)

Vale ressaltar que uma das principais características de escritores (as) periféricos (as) é a alteridade, já que, através de coletivos, estes conseguem fortalecer as suas lutas, mostrando-se cada vez mais sólidos, mesmo estando à margem da literatura brasileira canônica.

O coletivo *Cadernos Negros* foram como um embrião gerador dos diversos coletivos que surgiram posterior a ele. Para as mulheres negras, os *Cadernos Negros* serviram como uma saída estratégica da invisibilidade, pois com o crescimento deste coletivo, as mulheres ganharam voz e puderam apresentar a sua escrita, que não era propagada, conforme Marinete Silva:

Os Cadernos são de grande importância porque eu não conhecia mulher negra que tivesse um trabalho (literário), exceto a Carolina de Jesus. Mas poetisa negra que falasse do nosso amor, da nossa vida, dos nossos filhos, das nossas coisas, não era comum. E hoje a gente vê Elizandra, Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Mirian Alves e tantas outras. Então eu acho que tem um sabor diferente, a gente está aí, as mulheres negras estão falando de suas angústias, suas belezas, estão escrevendo e isso é importante. (SILVA, 2009, 37)

Sendo o *Cadernos Negros* o primeiro dentre os movimentos negro-brasileiros, outros movimentos que se seguiram, como *Poetas Ambulantes* e os *Slams*, dão continuidade ao objetivo que sempre foi o de fazer as publicações e divulgação de escritos negros acontecerem, usando a exclusão a que foram relegados como fator impulsionador

para a luta por um lugar que não foi conquistado dentro da literatura brasileira, mas que foi criado fora dela.

A mulher afrodescendente assumir o lugar de fala, já é um ato de força, sendo esta inferiorizada de maneira dupla na sociedade e no cenário literário brasileiro. Porém a mulher negra vai além do ato de escrever, ela usa a escrita como enfrentamento e mexe na ferida dos colonizadores machistas, segundo afirma a escritora *Mirian Alves*:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. **Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe.** A partir de sua posição de raça e classe, apropriasse de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185-.Grifo nosso).

A autora Mirian Alves descreve com bastante clareza o que significa a escrita para as mulheres negras, ressaltando-a como algo próprio delas. É necessário mostrar-se para mudar a invisibilidade que está posta, e essa mudança precisa e pode acontecer.

O texto *Petulância* da escritora Luz Ribeiro (2010), dialoga com a fala da autora *Mirian Alves*. No qual demonstra a inquietação do eu lírico em mudar, em transcender o que está predeterminado. Demonstrando a ânsia por ir à luta, conquistar novos espaços, adquirir conhecimentos e realizar sonhos.

Petulância

Necessidade de mudar
Sair do mesmo.
Não me basta ser Aparecida, Aline, Luciana
Decidi ser mais
Pra transbordar imaginação.

Sair da zona de conforto
Ir para o conflito
Ousar sentir intensamente.
Novas vestes:
Línguas, verbos, olhos e tatos... sonhos [...]

Na poesia *Ser eu poesia*, Ribeiro também destaca a força que a mulher precisa ter, pois para mudar alguma situação é necessário lutar, fazer algo que melhore e ficar chorando ou se lamentando não é saída para os problemas. Por fim, Luz deixa

evidente a importância que a escrita tem em sua vida, transformando tudo que sente e observa, em poesia:

[...] me quis pequena e frágil
me desenhei menina afável
apaguei a frigidez, fui ágil
desenhei sonhos palpáveis
não derramei lágrimas por lucidez
e ainda assim lavei a alma, ser eu água.

noturna tudo fui
rodeada de sensações
sem gosto, sem cheiro
era sem expectativa
juro, pouco sei da vida
e o que observo, escrevo
por nascer defeituosa, ser eu poeta. (RIBEIRO, 2010, P. 45).

Outro poema de Luz Ribeiro (2010) que expressa a força da mulher negra e a importância da poesia em sua vida, é o poema *Há flor na pele*, no qual a autora mostra o quanto seus sentimentos e angústias estão presentes em seus textos. Ou seja, sua escrita é um pouco do seu eu:

[...] há cor
É nude
Exalo o expressivo cheiro
De nada

Entre tantas emoções
distraio-me, torno-me todas
sendo atemporal
arma do eu.

O poema *Sinal Vermelho* traz alguns questionamentos que permeiam uma mente confusa e angustiada. A voz enunciativa demonstra sentir medo, talvez por consequência de vivências que não causaram impactos positivos em sua vida, ou apenas a angústia de um indivíduo temeroso por um futuro eminentemente incerto:

Quando um sonho vira pesadelo,
Te estagna, te faz fraco
O medo invade e sela compromisso com a covardia?
Quando todos os esforços se tornam nulos
As promessas não são reais

E as frases viram votos sem intenção?
 Quando o choro invade a vontade,
 O temer de embarga,
 A pequenez toma conta e nem o dormir traz a paz?
 (RIBEIRO, 2013. p. 64)

Ainda no poema *Sinal Vermelho*, a voz enunciativa parece se referir a inquietações que a perturbam durante a noite, pensamentos que não lhe permitem dormir. Um indivíduo que já sofreu por questões sociais muito presentes no cotidiano daqueles que vivem em uma sociedade a qual exige o cumprimento de padrões meramente excludentes, bem como preconceitos e dogmas:

[...] Quando a sua inquietude te faz um idiota
 A revolta não cessa
 E o outro dia ainda não se fez.
 O medo é voraz e hoje me faz incapaz
 Eu que já enfrentei preconceitos, receios e dogmas
 Vou deitar antes das 19h porque sou menor que um volante.
 (RIBEIRO, 2013. p.64).

O poema *Inquietude* traz um pouco do processo criador de uma poetisa, que, mesmo relutante, não consegue fugir da escrita, pois esta a persegue e a alcança. A palavra, neste poema, parece ser algo que brota na mente criadora da poetisa, uma inspiração. A voz enunciativa deixa claro que não há outra alternativa, senão a de colocar a sua inquietação no papel. Mesmo que, ao escrever, não consiga lembrar-se exatamente dos versos que a perturbava:

Nem são quatro horas da manhã
 E elas já se impõem:
 Palavras!
 Minha mente já não é bom abrigo
 Dizer por dizer se debatem
 Exaurem-se, até que o corpo canse
 De relutar.
 Levanto-me
 Caneta, caderno e fúria
 Não me recordo os versos perfeitos,
 Juro só ter passado cinco minutos[...]
 (RIBEIRO, 2013. p. 65).

O livro *Eterno Contínuo* conta também com poemas que mostram a sensibilidade de uma poetisa. Apesar de sua escrita forte e potente, Luz Ribeiro apresenta para o leitor uma versão mais suave. Além de versar com a alma inquieta e sonhadora inerente a qualquer poeta.

A inquietude faz parte do processo criador da poesia. O momento em que as palavras surgem e precisam ser externadas. O poeta Eliot (1991) caracteriza esse momento como “alívio de um agudo mal estar”:

Ele não sabe o que tem a dizer até que o diga [...]. Ele não está, nesse momento, absolutamente interessado em ninguém, a não ser em descobrir as palavras certas, ou então as que são as menos impróprias. Não está interessado em saber se alguém mais as ouvirá ou não, ou se alguém mais as compreenderá, se ele as compreende. Está sob o peso de um fardo do qual precisa se livrar para obter algum alívio [...]. Em outras palavras ainda, ele se concede todo esse cuidado, não para se comunicar com alguém, mas para obter alívio de um agudo mal-estar. (ELIOT, 1991, p. 134 - 135).

Nesse momento, o poeta está transbordando de ideias, de modo a provocar-lhe mal-estar, precisando esvaziar-se. Mas essa sensação não é algo negativo, apenas o poeta não consegue mais contê-la. Sendo assim, ao escrever seus textos, sente-se aliviado (a) por colocar suas ideias no papel.

O poema *D'estante* exemplifica muito bem esse lado delicado e sonhador de Luz Ribeiro. A voz enunciativa externa o desejo de ser amada e de viver momentos simples de amor, almejando um alguém em especial a quem ama, mas que, possivelmente, não corresponde a esse amor:

D'estante

Eu também preciso:
Ouvir eu te amo
Ganhar chocolates
Receber cócegas
Cheirar pescoço
Andar de mãos dadas.
Eu quero dizer:
Só mais cinco minutinhos.
Me abraça, tá frio.
Vai mais pra lá, tá calor.
Desejo beijar a poesia dos seus lábios
Versar com seus olhos
Conjugar afagos contigo.
E entre tantas obras
Eu só quero (ter) uma:
Você!
No instante do meu coração.
(RIBEIRO, 2013. p. 19)

Em sua primeira obra, *Eterno contínuo*, Luz Ribeiro mostra um pouco de sentimentos e situações vivenciadas pelo seu corpo negro, deixando evidente que, a sua essência

é de uma mulher delicada, o que não quer dizer ser frágil. Uma poetisa que escreve com a alma e permite-se sonhar em meio ao caos.

Enfim, os textos de Luz Ribeiro evidenciam o poder motivador da palavra em sua vida desde a infância, ou seja, a escrita como arma de revide.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura produzida por negros (as) no Brasil precisou e ainda precisa enfrentar uma sociedade racista, elitista e machista, que por muito tempo silenciou a voz daqueles que não se enquadraram nos padrões exigidos por ela.

A denominação para a escrita feita por negros no Brasil está envolta em polêmica, gerando inúmeros debates entre os críticos literários e os próprios autores de obras literárias. A pesquisadora Zilá Bernd (2011), assim como outros estudiosos, acredita que a designação mais adequada para denominar essa escrita é a expressão Literatura afro-brasileira, pois tem relação com a origem étnica e cultural dos escritores. Entretanto, outros críticos defendem a expressão literatura negra, como a autora Mirian Alves (2010) que afirma que o termo surgiu em um momento de militância negra, quando os negros (as) posicionaram-se e auto afirmaram-se nacional e mundialmente. Já a expressão Literatura negro-brasileira é defendida pelo escritor Cuti (2010), pois para ele, as outras denominações não representam a escrita feita por negros no Brasil. Para a escrita do presente trabalho, optamos por utilizar a expressão literatura negro-brasileira, por considerar esse, o termo que melhor contempla a escrita feita por afrodescendentes.

A literatura negro-brasileira, inicialmente era feita de maneira independente, por não ter suporte de editoras na publicação de seu trabalho, pois o mercado editorial é elitista e conseqüentemente excludente em relação às literaturas periféricas.

Os coletivos que surgiram posteriormente como os Cadernos Negros e o Grupo Quilombhoje são meios alternativos, que tornaram possível a circulação dos escritos negros, os quais ficavam engavetados por não dispor de espaço e aceitação na literatura brasileira canônica.

Os escritores e escritoras negros através de vigoroso enfrentamento conseguiram um espaço, fora dos circuitos oficiais de publicação, onde nunca teriam livre acesso, já que os padrões estabelecidos são marcadamente excludentes.

Os homens negros são marginalizados no cenário literário brasileiro, enfrentando os preconceitos dos modernos colonizadores. Sendo assim, parte-se de um falso pressuposto de que as mulheres negras são bem aceitas no meio literário negro-brasileiro, mas no presente trabalho, ficou nítido, a marginalização dupla que as

mulheres negras precisam passar, dentro e fora dos movimentos negros. Ou seja, a literatura feita por mulheres negras é um ato de empoderamento de gênero e de etnia.

Os coletivos ao longo do tempo não abriam espaço suficiente para as mulheres negras, porém foi através desse meio que as mulheres conseguiram inserir-se como autoras de textos literários, detentoras da caneta e papel. Mas não foi de maneira cordial, as mulheres negras usaram a sua força de militância e mobilização, para impor a sua palavra, que por muito tempo foi silenciada em vários âmbitos sociais.

A escritora Luz Ribeiro é um exemplo de mulher negra, que conseguiu publicar seus textos e divulgá-los nacional e internacionalmente, apropriando-se dos meios alternativos de circulação.

O Slam Brasil, O Slam das Minas, O Slam do 13, além dos blogs e das redes sociais, são meios alternativos usados por Luz Ribeiro na divulgação do seu trabalho. Através dos meios alternativos, Ribeiro apresenta a sua escrita para um número de pessoas inimagináveis, instigando os leitores a comprar seus livros: *Eterno Contínuo* e *Espanca e Espanca*.

Ao analisar a obra *Eterno contínuo* conseguimos alcançar o objetivo da pesquisa, o de comprovar que as mulheres negras escrevem com o corpo, quando falam de problemas cotidianos próprios e de outras mulheres que fazem parte de suas vivências. A mulher negra apresenta para o seu público leitor com bastante criatividade e sentimento o que acontece em sua vida, através do seu olhar.

A análise de *Eterno Contínuo* nos fez compreender também, que a mulher negra pode falar de amor, de sonhos e desejos, como qualquer outro indivíduo. A mulher negra não fala só das problemáticas do seu cotidiano suburbano, como violências, racismo e machismo. Ela pode falar do que quiser, sem prender-se a regras no momento da escrita. A sua inspiração a direciona para a temática, que será abordada em seus escritos.

As pesquisas realizadas para a realização do trabalho constatou que os meios alternativos de publicação foram os responsáveis pela conquista de um espaço fora do seletivo grupo canônico através dos coletivos Slam Brasil, Quilombhoje, Cadernos Negros e tantos outros espalhados por todo o país. Assim, a literatura negro-brasileira

saiu da invisibilidade e não precisa mais submeter-se as exigências de publicação dos meios oficiais da literatura brasileira canônica.

REFERÊNCIAS

ACALDE, Emerson. **(A) Massa**. 2009. Disponível em: <http://emersonalcalde.blogspot.com/2011/04/massa.html>. Acesso em: 10 de mar. 2018.

AGUIAR, Sonia. **Redes Sociais: da mobilização popular ao ativismo digital IN Das ruas às redes: 15 anos de mobilização social na luta contra a fome e a pobreza/COEP** – Rio de Janeiro COEP, 2008.

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil — pensando a existência. Revista da ABPN, n.3, v.1, nov.2010fev. 2011, p. 181 189. ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO.

ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza PUC Minas, 2002.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. Linhagem. In: **Cadernos Negros: os melhores poemas / Org. Quilombhoje**. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p.31.

_____. **Brasil afro autorrevelado: literatura afro-brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandayla, 2010.

BERND, Zilá **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

_____. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. **Revista da Associação Brasileira dos Pesquisadores(as) Negros**. V. 1, n1- mar-jun, 2010, p.18-27.

CONCEIÇÃO, Sonia Fátima. Jurema Preta. In: **Cadernos Negros**. São Paulo: Edição dos Autores, 1986, p. 19.

CUTI escritor. Disponível em: [/www.cuti.com.br/entrevcalaloo](http://www.cuti.com.br/entrevcalaloo). Acesso em: 22 jun. 2017.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNE, Regina. VASCONCELOS LEAL, Maria Regina. **Deslocamentos de gênero da narrativa brasileira contemporânea**. Vinhedo/SP: Horizonte, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

ELIOT, T.S. **As três vozes da poesia**. In: _____. **De poesias e poetas**. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 122-139.

Entrevista com o escritor Sérgio Vaz. 2015. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br>. Acesso em 10 mar. 2018.

Espanca e estanca, livro duplo de luz ribeiro expõe a versatilidade literária da jovem poeta paulistana. portalseer.ufba.br. Acesso em: 21 de abril de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira.** In.: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente: identidade em construção.** Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios.** Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2005.

GOMES, Heloísa Toller. **Visíveis e invisíveis grades:** vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafo/artigoheioisa.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

HALL, Stuart. A questão Multicultural. In: _____. **Da diáspora, identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
_____. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência, **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura,** nº. 28. São Paulo: USP, 1988.

KOTHE, Flávio. **Fundamentos da teoria literária.** Brasília: UnB, 2002. v. 1.

Literatura Afro- brasileira: Algumas reflexões. Disponível: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

LYRA, Pedro. **Conceito de Poesia.** São Paulo: Ática, 1986.

Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Grau Zero — **Revista de Crítica Cultural, v.3, n. 1, 2015 | 97** Maria Nazareth Soares (Org.). Poéticas afrobrasileiras. Belo Horizonte: Mazza: PUC Minas, 2002, p. 221240.

MORICONI, Ítalo. **Circuitos contemporâneos do literário** (Indicações de pesquisa). 2006. Disponível em <<http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/viewFile/331/332>> Acesso em: 14 dez. 2017.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **A literatura no ensino médio: os gêneros poéticos em travessia no Brasil e na França.** 2014. 884p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia.** São Paulo: Brasiliense, 1988. PLATÃO. Íon: sobre a inspiração poética. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SALES, C. S. **Leitores e Leituras nos Cadernos Negros**. In: III Encontro de Leitura e Literatura da Uneb-ELLUNEB, 2010, Salvador. Encontro de Leitura e Literatura: leituras e linguagens, textos em movimento. Salvador: Quarteto Editora, 2010. v. 1.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras baianas: identidades, escrita, cuidado e memórias de si/Nós em cena**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

SANTOS, F.; RODRIGUES, E.; FERREIRA, R. **Blogs Literários: Investigações Sobre a Audiência a Partir da Perspectiva dos Usos e Gratificações**. Leitura do Jornalismo. Ano 01. Número 02. Julho-Dezembro de 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TERRA, C. **Blogs corporativos: Modismo ou tendência?**. São Paulo: Difusão Editora, 2008.